

**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
CENTRO DE ARTES E ARQUITETURA
CURSO DE LICENCIATURA EM MÚSICA**

MATEUS DA COSTA CASTILHOS

**MÍDIAS E TECNOLOGIAS DIGITAIS NO ENSINO DA MÚSICA: DESAFIOS PARA
O USO NA REALIDADE ESCOLAR DE CAXIAS DO SUL**

**CAXIAS DO SUL
2019**

MATEUS DA COSTA CASTILHOS

**MÍDIAS E TECNOLOGIAS DIGITAIS NO ENSINO DA MÚSICA: DESAFIOS PARA
O USO NA REALIDADE ESCOLAR DE CAXIAS DO SUL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como
requisito parcial para obtenção de título de Licenciado
em Música pela Universidade de Caxias do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Alexandre Fritzen da Rocha.

**CAXIAS DO SUL
2019**

MATEUS DA COSTA CASTILHOS

**MÍDIAS E TECNOLOGIAS DIGITAIS NO ENSINO DA MÚSICA: DESAFIOS PARA
O USO NA REALIDADE ESCOLAR DE CAXIAS DO SUL**

Trabalho de conclusão de curso apresentado
como requisito parcial para obtenção do grau
de Licenciado em Música pela Universidade
de Caxias do Sul.

Aprovado em: __/__/____

Banca Examinadora

Prof. Dr. Alexandre Fritzen da Rocha
Universidade de Caxias do Sul - UCS

Prof. Luiz Ortiz Oliveira Filho
Universidade de Caxias do Sul – UCS

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Erisson e Cleusa por todo amor e carinho;

A minha família, pelo apoio e compreensão;

Aos meus amigos, pelas risadas e bons momentos;

Ao meu orientador, Alexandre Fritzen da Rocha pelos conselhos e atenção;

A todos os professores e colegas que colaboraram para a minha formação;

Aos programas, Universidade para Todos (PROUNI) e Financiamento Estudantil (FIES), por tornar possível o ensino superior;

Gratidão.

RESUMO

Frente aos avanços tecnológicos da sociedade contemporânea, o professor encontra-se em uma situação delicada para inserção das tecnologias em suas práticas docentes. Esta pesquisa aborda os desafios para o uso das mídias e tecnologias digitais no ensino da música em Caxias do Sul. O objetivo geral deste estudo é averiguar as metodologias de ensino da música por meios tecnológicos, bem como identificar sua presença nos procedimentos metodológicos de professores da rede básica de ensino. Objetivos específicos incluem: fomentar a reflexão sobre a democratização de acesso à tecnologia, explorar os elementos que conduzem o ensino com recursos tecnológicos, investigar os processos de produção multimídia através das tecnologias digitais e averiguar como os professores se relacionam com os recursos tecnológicos na sala de aula. As metodologias de ensino da música por meios tecnológicos foram investigadas a partir da revisão bibliográfica. A revisão serviu como suporte para análise qualitativa das entrevistas semiestruturadas com três professores atuantes da rede municipal e/ou particular de ensino básico de Caxias do Sul e região. Observou-se nas práticas dos educadores entrevistados a presença de metodologias, voltadas para o uso da tecnologia na sala de aula ainda que muitas vezes presentes como um suporte para as práticas tradicionais de ensino aprendizagem. Observou-se que as restrições de recursos tecnológicos impactam diretamente no planejamento dos professores, principalmente nas instituições públicas onde o acesso a equipamentos é limitado. Todavia, constatou-se nesta pesquisa que a dificuldade de inserção das mídias e tecnologias digitais no contexto de educação básica vão muito além da escassez de recursos tecnológicos, tanto as restrições de uso dos celulares quanto os empecilhos para utilização das tecnologias existentes, são alguns dos desafios enfrentados pelos educadores.

Palavras-chave: Tecnologias na educação. Música e tecnologia. Recursos tecnológicos na sala de aula.

SUMÁRIO

1. RECURSOS TECNOLÓGICOS NA EDUCAÇÃO	4
2.1. Educar pela, com e para a tecnologia.	6
2.2. Tecnologias no ensino da música.....	8
2.3. Desafios de uso	10
3. METODOLOGIA	16
4. DISCUSSÃO	17
4.1. Participante A: Mira	18
4.2. Participante B: Guto.....	21
4.3. Participante C: Duda.....	26
5. RESULTADOS	30
5.1. A trajetória na educação musical	31
5.2. A relação com a tecnologia.....	32
5.3. Os desafios de inserção	34
CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
REFERÊNCIAS	39
APÊNDICES	41
ANEXOS	42

INTRODUÇÃO

A estruturação da pesquisa em questão relaciona-se diretamente com a minha prática enquanto professor de música e meu interesse de pesquisa na área de música e tecnologia. A temática emergiu ao longo de minha trajetória acadêmica e consolidou-se durante a execução do projeto de Estágio III. O ato de compor despertou meu interesse tanto dentro quanto fora do ambiente acadêmico. O primeiro aliado no processo foi o violão, servindo de acompanhamento harmônico para as melodias que surgiam de improviso. Na tentativa de gravar as minhas composições descobri o meu segundo aliado, o computador. A tecnologia ampliou minha concepção de música, possibilitou-me timbres e texturas que antes pareciam distantes dos meus processos de composição. Desde muito cedo, influenciado principalmente por colegas, entrei em contato com o rap, gênero musical que despertou em mim interesse e curiosidade, introduzindo-me “batidas” ou “Beats” eletrônicos. Enigmática e singular, a composição desses instrumentais foi ponto de estudo ao longo da minha graduação, através de explorações de técnicas e ferramentas tecnológicas que me permitiram produzir esse tipo de música.

A reflexão sobre o acesso às tecnologias surgiu em minha experiência enquanto bolsista do programa PIBID. Ao entrar na sala de aula da escola onde estudei desde a segunda série até o terceiro ano do ensino médio, dessa vez não como aluno, mas como professor estagiário, pude perceber um panorama geral de uma realidade diferente da que vivenciei na graduação. Salas com pouca infraestrutura e recursos digitais escassos afastaram minha ideia de trabalhar com tecnologia nas atividades que ali seguiriam. Porém, essa é uma realidade constante em muitas escolas no país. Sendo assim, é importante repensar caminhos para o uso da tecnologia, mesmo quando nos deparamos com recursos escassos nos ambientes escolares. Segundo Schramm,

Levar o aluno a interagir como seu meio e com os recursos nele existentes, estimulando a construir por si mesmo os princípios e os conteúdos a serem apreendidos está no fundamento do construtivismo. A tecnologia oferece recursos e descortina possibilidades para que se possam atingir objetivos específicos, sendo assim um fator complementar do currículo capaz de gerar motivação, superar barreiras [...]. (SCHRAMM, 2009, p. 1).

Os estágios seguintes ampliaram meu interesse no assunto. Na terceira experiência prática da formação, na disciplina de Estágio III, decidi trabalhar com

trilhas sonoras e o cinema, e essa abordagem se consolidou após o período de observação na sala que aconteceria às aulas. Ter um projetor disponível ampliou as possibilidades metodológicas de abordar e apresentar filmes entre outras produções audiovisuais. Ainda com a turma, trabalhamos com pequenas produções de Stop Motion com os smartphones dos mesmos. Essa atividade gerou proposta do último estágio da graduação, dessa vez voltada para professores. A oficina refletiu tanto as possibilidades de uso da tecnologia no planejamento escolar, quanto as noções básicas de edição de áudio e vídeo, por meio de vivências práticas de produção multimídia, através de aulas expositivas e práticas, nas quais ocorreu à aproximação de professores já atuantes aos recursos tecnológicos de multimídia, tanto por celulares quanto por computadores.

Para possibilitar o uso da tecnologia como um fator complementar do currículo, é preciso estar atento não só aos recursos disponíveis dentro do ambiente escolar, mas também as aplicações desses recursos em ambientes plurais de constante mudança. Lisboa; Bottentuit; Coutinho (2009 p.08), consideram primordial que a instituição de ensino frente aos múltiplos recursos tecnológicos, esteja disposta a abraçar práticas pedagógicas que estabelece diálogo, onde o participante é relevante para a construção, tanto da identidade cultural quanto dos saberes. A pesquisa aqui apresentada tem o intuito de ajudar futuros professores que se deparam com recursos muitas vezes escassos. Dessa forma, surge a problemática principal deste trabalho: Quais os desafios de uso das mídias e tecnologias digitais em um contexto de escola básica para ambientes de escassez de recursos tecnológicos? Sendo que essa escassez se apresenta de forma variável, tanto na estrutura, em escolas com computadores antigos e restrição de uso de smartphones, quanto geral, em situações onde o único aparelho disponível é o celular ou notebook do professor.

Em contraponto a essa escassez de recursos tecnológicos na sala de aula, temos estudantes que já nasceram cercados pela interação multimídia e a tecnologia como um todo. A televisão e o rádio das gerações passadas dão espaço aos computadores e smartphones da contemporaneidade. Após a experiência no PIBID, ao entrar em uma sala do nono ano da mesma escola, optei por trabalhar com música e tecnologia ao perceber como aquilo já estava presente na realidade dos estudantes, sendo que boa parte do “consumo cultural” na atualidade se dá por meio da internet, que utiliza recursos de imagem e som para difundir e agregar

novos consumidores. Como a Eloíza Gurgel Pires destaca: “A relação dos jovens com as novas tecnologias é uma relação de cumplicidade cognitiva e expressiva, pois nos sons, na velocidade, nas imagens e fragmentações, é que os jovens encontram o seu ritmo e o seu idioma” (MARTIN-BARBERO apud PIRES, 2010 p.13).

Dessa forma, é possível elencar dois pilares principais que conduzem este trabalho, sendo eles: a reflexão sobre a democratização de acesso às tecnologias e a presença destes recursos digitais na realidade dos estudantes fora do ambiente escolar, ambos correlacionados à bagagem do pesquisador ao longo da graduação.

Essa pesquisa tem como objetivo geral, averiguar as metodologias de ensino da música por meios tecnológicos, bem como identificar sua presença nos procedimentos metodológicos de professores da rede básica de ensino. Além disso, tem como objetivos específicos, fomentar a reflexão sobre a democratização de acesso à tecnologia, explorar os elementos que conduzem o ensino com recursos tecnológicos, investigar os processos de produção multimídia através das tecnologias digitais (stop motion, dublagem, trilha sonora e produções audiovisuais), analisar dispositivos, aplicativos e softwares de produção e averiguar como os professores se relacionam com os recursos tecnológicos na sala de aula.

É com a missão de relacionar as vivências dos jovens já inseridos em um mundo tecnológico-digital com a realidade de escolas com esses recursos escassos que esta pesquisa inicia-se. Após a introdução, o primeiro capítulo apresentará a revisão bibliográfica, na qual se dividirá em três subcapítulos: “Educar: Pela, Com e Para a tecnologia, Tecnologias no ensino da música e Desafios de uso”. No segundo, serão apresentados os procedimentos metodológicos aplicados na pesquisa. Já no terceiro, ocorrerá a discussão das entrevistas semi estruturadas, enquanto no quarto capítulo será correlacionado a revisão bibliográfica às respostas dos entrevistados. Por fim, no quinto capítulo serão apresentadas as conclusões da pesquisa.

1. RECURSOS TECNOLÓGICOS NA EDUCAÇÃO

Para compreender como a tecnologia tem sido relacionada à educação, Chaves (1998) aborda, a pertinência de uma reflexão sobre os meios digitais como um todo. A tecnologia se faz presente em múltiplos aspectos do cotidiano, seja em questões residências, como no acesso à informação e comunicação, no trabalho e até no pleito eleitoral. Porém, a mesma não se demonstra plenamente inserida no ambiente escolar. Barreto (2004) complementa, apresentando a busca por reconfigurar a formação docente, que a tecnologia começa a constituir um consenso sobre “novas tecnologias”, em específico, tecnologias da informação e da comunicação (TIC). Para a autora,

[...]a presença das TIC tem sido investida de sentidos múltiplos, que vão da alternativa de ultrapassagem dos limites postos pelas “velhas tecnologias”, representadas principalmente por quadro-de-giz e materiais impressos, à resposta para os mais diversos problemas educacionais ou até mesmo para questões socioeconômico-políticas. (BARRETO, 2004 p. 3)

Em um curto espaço de tempo, aproximadamente seis anos após a publicação de Chaves, a visão sobre a tecnologia e a educação aponta para uma percepção integrada. Considerando-a uma substituta para as ferramentas tradicionais de ensino, uma “cura” para os problemas educacionais da época. Outro ponto pertinente surge quando a ótica muda de perspectiva, ou seja, a tecnologia passa a estar nas mãos dos estudantes. Sendo assim, as “discussões sobre as tecnologias neste início de século precisam considerar as formas de apropriação dos meios digitais por crianças e jovens” (MOREIRA; KRAMER, 2007 p. 13).

Os recursos tecnológicos considerados na pesquisa incluem as tecnologias digitais presentes no cotidiano dos educadores: computadores, aparelhos celulares, reprodutores de imagem e áudio, softwares e aplicativos que sirvam para a construção dos saberes. Ressalto também a importância da estrutura escolar como um todo, pois combinados com os recursos tecnológicos possibilitam o armazenamento, a difusão e elaboração de aprendizados. Cabendo ao professor o dever de transformar essas tecnologias em aliados para a quebra da rotineira prática educativa. Portanto, o papel do professor da atualidade está em constante mudança, não sendo mais visto como o detentor do conhecimento, passando a ter um papel de mediador dos processos de aprendizagem. (GONÇALVES; OLIVEIRA; GHELLI, 2018).

Rodrigo Schramm (2009) enfatiza que a popularização dos computadores, a ampliação de acesso à internet, novas tecnologias surgem para auxiliar o ensino. Na educação musical, essas tecnologias estão presentes através de editores de partituras, softwares de gravação de som e vídeo, teclados eletrônicos, entre outros. Recursos esses, influenciados pela sua forma de uso, podendo ser um recurso “para aprender conteúdos musicais ou [para ser utilizado] para produzir novos objetos multimídia que serão utilizados posteriormente no processo de construção do conhecimento musical.” (SCHRAMM, 2009 p. 1). O autor ainda comenta que essa tecnologia pode ter diversas aplicações. Para tanto, é preciso fundamentar pedagogicamente a base para a construção de seus usos.

Condicionada pelas tecnologias, a sociedade contemporânea modifica a maneira de organizar diversas atividades. Existindo assim, a necessidade de uma educação que considere essas mudanças, levando-as para dentro do ambiente escolar, “que contemple a inter-relação comunicação/educação, ou seja, a educação comunicação”. (BUENO; COSTA; BUENO, 2012 p. 4). Hurtado e Ariza (2014), consideram importante fomentar o debate dos cursos de licenciatura. Para os autores,

“[...] a reflexão e análise sobre esses aspectos implicam reconhecer os estudantes como sujeitos ativos no processo de aprendizagem e não como objetos de saberes institucionalmente regulados e administrados em doses. Devo enfatizar, de fato, que isso requer não somente compromissos institucionais e um conhecimento profundo dos formatos culturais e sociais dos jovens, mas também uma reformulação dos problemas e práticas de ensino e dos programas e atividades curriculares e extracurriculares, entre os quais, é decisivo o estímulo ao trabalho colaborativo entre os estudantes.” (HURTADO; ARIZA, 2014 p.10) (tradução nossa)¹

Na educação infantil, a utilização de recursos tecnológicos possibilita às crianças o contato com imagens, sons cada vez mais próximos da realidade. Sabendo que o aprender na infância se dá de forma significativa quando ocorre a identificação com o seu mundo e contexto, Magalhães; Ribeiro e Costa (2016) considera que as tecnologias possibilitam um envolvimento muito maior nas aulas por serem um recurso no qual os estudantes já estão inseridos, identificam-se e

¹ [...] la reflexión y análisis sobre estos aspectos, implica reconocer al colectivo de Estudiantes como sujetos activos de aprendizaje y no como objetos de saberes institucionalmente regulados y administrados dosificadamente. Debo enfatizar em El hecho de que ello requiere no solo compromissos institucionales y un conocimiento profundo de los formatos culturales y sociales de los sujetos jóvenes, si no tambien una reformulacion de los problemas y practicas de enseñanza y de los programas y actividades curriculares y extracurriculares entre los cuales es definitiva la estimulación del trabajo colaborativo inter pares.

interessam-se pelo sua utilização. Para as autoras, “as tecnologias digitais fazem parte do mundo das crianças desde muito cedo, elas veem esses recursos como uma espécie de brinquedo e conseguem manuseá-los, desde os primeiros anos de vida com normalidade”. (MAGALHÃES et al. 2016 p.10). Cabendo à escola a inserção desses recursos através de atividades lúdicas e interdisciplinares, tornando-se um elemento primordial para o ensino-aprendizagem.

Silveira; Novello e Laurino (2018) consideram que esses recursos tecnológicos na sala de aula possibilitam aos sujeitos diversos caminhos para a construção e troca de saberes. Salientam também que as inovações nas práticas pedagógicas, não se sustentam somente pelo uso contínuo das tecnologias digitais de forma padronizada, e sim ao propor que os estudantes operem esses recursos de acordo com as próprias necessidades. Enquanto o professor mantém o papel de mediador, contribuindo no planejamento, observando, refletindo e analisando o trabalho do estudante.

2.1. Educar pela, com e para a tecnologia.

Como elucida Pires (2010), as propostas curriculares contemporâneas apontam três formas principais de alinhar a tecnologia e a educação. Cada uma delas encontra caminhos específicos de uso da mídia na sala de aula. As possibilidades de uso serão apresentadas separadamente, todavia é importante destacar que “as três perspectivas estão relacionadas na reconfiguração dos espaços escolares e nas relações entre o conhecimento e os sujeitos do conhecimento, sendo o professor um importante mediador.” (PIRES, 2010 p.7).

A educação pela mídia é mais conhecida de formato de educação a distância (EAD). Pires comenta sobre as possibilidades dessa forma de ensino, incluindo “cursos por correspondência, aulas por rádio, teleaulas [...]” (PIRES, 2010 p.7). Em tempo, é importante destacar o crescimento de videoaulas, cursos online e apostilas digitais e também, as TICs já citadas anteriormente. Prensky (2010), afirma que o papel da tecnologia, de oferecer suporte ao ensino, é uma ferramenta eficaz no processo de ensinar a si mesmos. Para o autor, é preciso que ocorra uma concordância geral desse posicionamento, para que dessa forma os ensinamentos avancem de forma coesa. O autor afirma que os avanços na educação levarão muito mais tempo para acontecer, “se cada pessoa continuar a falar sobre o papel da tecnologia de forma diferente”. (PRENSKY, 2010 p.4).

Martins, Cardoso e Pontes (2018) destacam que o uso das TICs na formação deve dar a base para as formas de refletir e criar, com o intuito de gerar admiração e entusiasmo pelo conteúdo aprendido, além de proporcionar um estudo com a distribuição de ideias e ações que auxiliam o educador a superar os desafios entre saberes disciplinares e conceituais. (MARTINS; CARDOSO E PONTES 2018)

A segunda forma, já recorrente em muitas escolas, é a educação com a mídia. Para Pires (2010), há a necessidade de um uso exploratório mais efetivo da modalidade, visto que se refere não somente ao uso de conteúdos produzidos, como filmes e músicas, mas também a produção de jornais, revistas, exposições, fotos e vídeos. Como exemplo dessa percepção, Wunder (2006) aborda em seu trabalho como a fotografia é pensada de diversas formas na educação, incluindo o “registro do vivido, em especial em escolas, como narrativa de sentidos e memórias, como afirmação de identidades, como forma de produzir e expressar representações sociais e culturais e, raramente, como criação artística e invenção de mundos.” (WUNDER, 2009 p.3). Um dos caminhos para essa exploração efetiva da educação com a mídia está no fator criativo do processo. Para a autora,

Não só observamos as imagens, podemos produzi-las. A representação do cotidiano por imagens se faz muito importante, porque é o que está presente na realidade desses alunos. Ao levar as imagens do cotidiano, incluindo as produzidas pelos próprios alunos, para a sala de aula, aqui em específico o ensino de arte está trazendo também a vida do aluno, seus interesses, tendo a chance assim de aproximar a arte e a vida, educando ou reeducando um olhar, ampliando as possibilidades de leitura para o mundo. (MOTTA, 2018 p.21)

A produção por sua vez, está diretamente ligada com a última perspectiva apontada por Pires (2010), educar para as mídias. É por meio desta modalidade que ocorre a apropriação de sua linguagem e estética, com enfoque nos meios de produção do conteúdo em aula. Mota ressalta a importância que o cinema tem para o ensino da arte, porém, reforça que é preciso levar para a sala de aula com consciência, “usá-lo a serviço de, é o mesmo que renegá-lo”. (MOTTA, 2018 p.58). De Souza e Souza (2018) frisam a importância do reconhecimento dessa linguagem multimídia dentro do cotidiano, relacionado com a tecnologia, a comunicação e a vida dos alunos. Salientam também a necessária reflexão sobre as possibilidades de construção de narrativas multidisciplinares, com materiais cotidianos como, por exemplo, produções artísticas com técnica de *Stop Motion*. (DE SOUZA E SOUZA, 2018).

A aprendizagem dos educadores ocorre quando novas problemáticas ocorrem em suas práticas educativas, requerendo caminhos diferenciados e fins premeditados. O processo se inicia quando o professor entra em contato com uma nova tecnologia. Com isso, “[...] inicialmente [o estudante] entende os princípios básicos de cada nova ferramenta para poder então refletir a respeito de possibilidades relacionadas à sua utilização em contexto de ensino-aprendizagem com os seus alunos.” (LEME, 2006. p. 39). Conforme o educador aprimora seus conhecimentos operacionais, inicia o processo reflexivo para assim fazer uso na sala de aula. (LEME, 2006). A inserção das tecnologias nas aulas pode ocorrer a partir de dois modelos de instrução citados pelo autor:

“Experimentação conjunta e siga-me, sendo que no primeiro há uma divisão da tarefa geral em problemas instrumentais administráveis e o estudante é estimulado a saber o que quer e no segundo, há um convite à experimentação a partir da imitação, onde o estudante deve construir a sua própria execução com elementos que considere essenciais na demonstração do professor.” (LEME, 2006. p. 39).

Indiferente do modo operacional seja ele através da experimentação individual ou pela mimese, é necessária a familiarização com os recursos tecnológicos. Bueno (2012) considera que a educação para a mídia se tornou essencial nos processos de socialização da contemporaneidade, pois é nela que é possível encontrar a devida apropriação crítica e criativa da mesma. Isso reflete também, a realidade da educação musical, pois a mudança está também nos sujeitos e na forma de consumir e fazer música. (BUENO, 2012.)

2.2. Tecnologias no ensino da música

Para Swanwick apud Leme (2006), a educação musical eficiente ocorre quando as situações e atividades complementam-se para o desenvolvimento do estudante. O autor propõe o seguinte modelo: Técnica, Execução, Composição, Literatura, Apreciação (T. E. C. L. A).

Leme (2006), explica como cada uma desses tópicos está distribuído na realidade escolar. Técnica aborda tanto habilidades do imaginativo musical quanto da escrita e manuseio do som. Execução, por sua vez, inclui as apresentações das obras estudadas, não importando a quantidade e a formalidade do público. Composição encontra-se presente no ensino de diversas formas, desde a produção de uma ideia musical até a improvisação com materiais sonoros diversos. Aqui

acrescento também, as coletas de paisagem sonora e atividades de sonoplastia. Literatura inclui os estudos bibliográficos sobre a história da música, seja ela feita tanto por estudos de repertório quanto a reflexão crítica estético-musical. Apreciação ocorre nas práticas auditivas de obras musicais, tanto em reproduções de mídia digital quanto interpretações de terceiros.

Em suma, o professor que incorpora o modelo TECLA em suas aulas tem a tecnologia como um aliado no processo de ensino aprendizagem. Podendo incluir em suas práticas o uso mediado do computador, projeção de vídeos, e outros recursos de *streaming*, como Spotify e Youtube. Para isso, são necessários a reflexão das características e a aplicabilidade dos recursos no ambiente de aprendizagem.

Os avanços tecnológicos, além de possibilitar o acesso a obras de diversos períodos proporcionam, novas formas de criação e interpretação. Sendo assim, “as tecnologias tornaram-se parte integrante do processo de envolvimento das pessoas com a música e promoveram a abertura para outras práticas musicais.” (BUENO, et al. 2012 p. 4). Os autores consideram que para educação preparar o sujeito no mundo em sociedade, é preciso estar atenta para três pontos: o universo da comunicação, as novas tecnologias de informação e comunicação e o papel da música na compreensão dessa complexa estrutura.

Cuervo et al. (2019), compreendem que a inserção das tecnologias nos espaços educativos musicais é uma trajetória plausível e desejável, pois fortalece a modernização do processo de ensino aprendizagem ao conectar de forma satisfatória as estratégias disciplinares e o perfil tecnológico dos estudantes. Para os autores,

“[...] Cultura Digital é terreno fértil para essas práticas, conectando indivíduos nas redes de relações e ideias inerentes a ela. Também oferece recursos e ferramentas que podem promover a superação de limitações físicas e cognitivas que o sujeito pode vir a ter, corroborando o fator de inclusão e desenvolvimento pleno igualmente no campo da música.” (CUERVO et al. 2019 p. 10)

A prática educacional que a cultura digital possibilita correlaciona os avanços tecnológicos de produção aos de comunicação. Isso promove a superação de limitações físicas, espaciais e temporais. O professor de música capacitado para a inserção dessas alternativas tecnológicas, seja elas disponíveis na escola ou trazidas pelos alunos, passa a ver esses recursos como materiais disponíveis para o

fazer musical. Como explica Leme (2006, p.44), “o professor desenvolve metodologias e estratégias de ensino para se utilizar destas alternativas para ensinar música, mas é importante que não deixe de buscar como objetivo principal a educação musical significativa”.

Tavares (1996) constata que o fazer artístico por meios tecnológicos, não substitui totalmente os recursos artesanais e mecânicos, mas sim, uma reapropriação dessas técnicas “transcodificadas” pelos sistemas eletrônicos. Dessa forma, o “criar” por meios eletrônicos, consiste justamente em explorar as possibilidades desses recursos. Para isso, Tavares acredita ser necessário transgredir, ou mesmo desconstruir regras impostas pelas características das novas tecnologias. Para a autora,

Torna-se fundamental que a prática artística inerente às novas tecnologias faça sobressair a qualidade a partir da quantidade. Nesta pesquisa, identificamos, por meio da análise dos processos criativos, onde estão esses pontos de inflexão, ou seja, os pontos a partir dos quais a tecnologia passa a ser utilizada como potencial de criação. Na realidade, o que o artista busca são os usos lúdicos e criativos para essa nova infraestrutura eletrônica para que ele possa, talvez “futuramente” se inserir no contexto social como elemento ativo de um processo de transformação cultural. (TAVARES, 1996 p.10).

Vinte e três anos após a publicação de Tavares, a tecnologia está presente como um elemento ativo na sociedade. No ambiente escolar a reflexão se estende também para as possibilidades e os desafios de uso desses recursos.

2.3. Desafios de uso

A música é prevista na educação básica, configurando-se tanto como conteúdo, quanto disciplina isolada. Em Caxias do Sul, os estudantes possuem poucas horas semanais para a compreensão da arte de forma integral, tornando-se um desafio à inserção das tecnologias digitais nos processos de aprendizagem. Para Leme, a condição do professor como um aprendiz tecnológico, ocorre “[...] num contexto no qual muitas vezes, os professores precisam preparar os alunos para trabalhar em um universo de tecnologias onde ele mesmo ainda é principiante.” (LEME, 2006 p.39). De um lado, os nativos digitais, do outro, professores que mesmo inseridos à tecnologia, em sua maioria tiveram a formação distante dos recursos digitais. Daniel Gohn (2007) aponta a incerteza decorrente das tecnologias como um dos maiores desafios para o ensino. Para o autor,

“Neste cenário, observamos posicionamentos contundentes daqueles que defendem o enlace das novas tecnologias na educação em contraposição com aqueles que não as aprovam. Os incentivadores podem demonstrar um entusiasmo fervoroso, chegando a ser chamados de tecnófilos, enquanto os receosos mostram uma forte resistência e podem desenvolver verdadeiras fobias, sendo chamados de tecnófobos.” (GOHN, 2007. p. 02).

O medo de errar pode ser considerado como um dos pontos que proporcionam essa resistência aos recursos. As dúvidas que surgem no funcionamento dessas ferramentas se agravam quando o professor se depara com alunos nativos digitais, que apresentam uma fluidez no uso e manuseio das novas tecnologias na maior parte das vezes mais natural do que o professor. Essas inseguranças costumam ser causadas pelo impacto inicial do uso dos equipamentos. Todavia, as sensações de insegurança podem desaparecer na medida em que os professores ampliam seu contato com recursos tecnológicos. Um exemplo comum ocorre com a relação de professores com softwares de notação musical, programas que podem facilitar a produção de partituras musicais. Contudo, muitos professores não se apropriam dessa ferramenta possivelmente por não estarem adaptados ao uso de tecnologias digitais, em função de seus analfabetismos digitais. (GOHN, 2007). Durante meu terceiro estágio da graduação, enquanto observava a aula da professora titular de artes da turma, deparei-me com uma situação que complementa o pensamento de Gohn. A Professora, por não saber operar o projetor disponível na sala, deslocou-se até a sala de vídeo do outro lado da escola, perdendo assim bastante tempo de aula.

Martins et. al, (2018), reforça essa perspectiva ao considerar que as mídias e tecnologias digitais são utilizadas com receio por alguns professores, principalmente porque na graduação não possuíram um contato efetivo e prolongado com essas possibilidades, tornando-se uma barreira no que se refere a construção dos saberes, pois condiciona a um “baixo potencial educativo e conseqüentemente um rendimento escolar inferior.” (MARTINS et al, 2018 p13). O educador é o principal intermediário na utilização dessas tecnologias, muitas vezes desconhecidas pelo mesmo, tornando-o um eterno aprendiz, criando caminhos educacionais conectados aos avanços contemporâneos. Para Silveira, Novello e Laurino,

A recursividade da formação permanente e do conversar sobre o operar das tecnologias digitais, como ação para reconstruir e recriar as práticas docentes são possibilidades para encontrar caminhos e maneiras para trabalhar e criar conceitos, procedimentos e atitudes em que a ação de

ensinar se configure em uma ação de coensinar, uma vez que é um coletivo de professores que atua no processo formativo. (SILVEIRA; NOVELLO E LAURINO, 2018. p.09).

Enquanto de um lado os professores buscam soluções para suas limitações, do outro os alunos avançam para as chances de conhecer novos softwares, na busca pela expansão de seus domínios. Com os avanços tecnológicos, outras possibilidades surgem, como aquelas que proporcionam que músicas sejam compostas por estudantes sem formação musical. Essa realidade é passível de questionamentos por educadores mais conservadores, pois para estes, essa prática estimula o pensamento indisciplinar e desinformado. “Segundo os críticos, o que é desenvolvido com o uso desses programas é o raciocínio formal para gerar instruções necessárias para fazer funcionar o mecanismo digital.” (GOHN, 2007. p. 11).

Por outra perspectiva, Cuervo et. al (2019), considera que o estudante contemporâneo busca ‘aprender a aprender’, não se limitando apenas a instruções, visto que a internet por si própria possui numerosas fontes informativas. Os autores ainda destacam a demanda de estratégias de ensino e aprendizagem inovadoras, de modo que ocorra de forma regular práticas distantes das metodologias exclusivamente expositivas, na qual “o professor é o modelo e, senão o único, o maior detentor de conhecimento.” A reflexão engloba não só a formação desses professores, mas também a necessária inclusão digital e uma nova estruturação do currículo. Silveira et. al (2018), percebem que essa mudança de postura não é um hábito nas universidades, principalmente porque isso gera um despreparo dos futuros professores para a utilização de tecnologias, causando insegurança nos novos docentes. Para Bittencourt e Albino (2019)

“Um dos desafios que a sociedade e as instituições de ensino encontram neste momento é a falta de conhecimento e treinamento em mídias digitais de toda comunidade acadêmica. Esse pode ser um dos fatores que têm contribuído para a não utilização adequada das novas tecnologias disponíveis nas atividades de ensino e aprendizagem.” (BITTENCOURT; ALBINO, 2019 p. 02).

Mesmo que seja possível constatar jovens estudantes com um alto controle das tecnologias, esse aprendizado ocorre em sua maior parte de forma autodidata, visto que o contexto de implementação dessas novas tecnologias digitais se faz presente de maneira discreta na educação musical no Brasil. Martins et. al (2018)

destacam que o uso das tecnologias na sala de aula está limitada em função da defasagem na infraestrutura das escolas. Sem uma revisão estrutural, fica inviável pôr em prática as políticas públicas de educação que citam as tecnologias da informação e comunicação. Cuervo et. al (2018) consideram a qualidade de conexão instável, precariedade dos recursos tecnológicos e as lacunas da formação como alguns dos motivos do atraso da inserção de inovações digitais no ensino da música. Com as dificuldades de inclusão das tecnologias no ambiente escolar, os autores destacam,

“A aplicação desses recursos consiste num desafio, considerando que os alunos do ambiente escolar são bastante jovens, enquanto os professores são integrantes de gerações anteriores. Isso implica dizer que há que se ter abertura e disposição para a troca de experiências e valorização do saber discente, pois o estudante provavelmente dominará de modo fluente e precoce, recursos que os seus professores precisam empenhar bastante esforço para alcançar. (CUERVO et. al 2018 p. 06)”

Disposição e abertura para a troca de experiências é o caminho mais saudável para acabar com a imagem de professor detentor de todo o conhecimento. Martins et. al (2018) destacam que só a inserção de recursos tecnológicos como computadores e mídias sociais na sala de aula não solucionam todos os desafios presentes, mas deve ser interpretado como uma ferramenta de “disseminação de conteúdos educacionais” (COSTA apud MARTINS et. al, 2018 p.03). A educação não tem mudado mesmo em escolas que utilizam recursos tecnológicos na sala de aula. Magalhães et. al (2016), esclarece que tablets e computadores geralmente tem seu uso desassociado dos conteúdos diários do ambiente escolar. Porém, para que ocorram mudanças as tecnologias digitais “precisam ser vistas como um material pedagógico da escola, assim como um livro didático, um jogo pedagógico. E principalmente, deve estar ligado à proposta pedagógica a fim de proporcionar o desenvolvimento do aluno.” (MAGALHÃES; RIBEIRO & COSTA, 2016 p. 09)

Essa perspectiva corrobora com as colocações de Cernev (2013). Não há garantia que a inserção de recursos computacionais desenvolverá espontaneamente nos alunos estratégias de aprendizagem, nem mesmo a inserção de recursos de última geração impulsionará o aprimoramento das capacidades musicais e tecnológicas. Para ocorrer tais ações é necessária a construção do processo educativo em conjunto, tanto professores e alunos quanto o ambiente escolar como um todo. Surge assim, a possibilidade de contribuição para um ambiente flexível e

plural, de modo que todos tenham um papel importante na interação independente das capacidades, das experiências e principalmente, da proximidade com os recursos tecnológicos.

Se a postura do professor muda, o currículo da educação básica necessita uma revisão detalhada, “além da resignificação da prática pedagógica na sala de aula, para que o processo de ensino e aprendizagem contemple as necessidades dos alunos, seja centrado neles e sua participação ativa acarrete a construção do conhecimento.” (GONÇALVES et.al, 2018 p. 11). A inserção dos recursos tecnológicos na realidade escolar necessita do rompimento com a visão de que as tecnologias são em suma, aparelhos de ensinar ou instrumentos para o ensino. De nada adianta trocar o quadro negro por um projetor, se em ambos os casos, a tarefa do aluno for apenas copiar o que lá estiver contido, ou seja,

As tecnologias devem ser vistas como complementação do processo de ensino e aprendizagem, o qual vai aproximar a escola da realidade dos alunos vivenciada fora do âmbito escolar, também deve estar ligada a proposta pedagógica da escola. Assim as atuais tecnologias devem ser utilizadas visando aos objetivos educativos para que a aprendizagem seja significativa. (MAGALHÃES; RIBEIRO & COSTA, 2016 p. 03).

Para Martins et. al (2018), a atenção das escolas que recebem recursos digitais como computadores com acesso a internet e projetores portáteis, devem voltar-se à formação de seus educadores. São eles os condutores dos cenários de aprendizagem, e com isso, incumbidos da disseminação do conhecimento científico aos estudantes. Torna-se essencial a formação continuada dos educadores, pois não só o desenvolvimento de novas metodologias é possível como também metodologias que aproximam os estudantes e educadores. Esse é o caminho para ultrapassar os já instaurados modelos tradicionais, “vistos em muitas situações, como barreiras para o ensino e a aprendizagem atualmente, para modelos educativos mais coerentes com as demandas por conhecimento deste tempo”. (Martins et. al 2018 p. 14). Corroborando com essa perspectiva, Magalhães, Ribeiro & Costa (2016), acreditam que os estudos pedagógicos voltados para as tecnologias digitais tornam-se indispensáveis na formação dos educadores. Para os autores,

“[...] haverá um momento em que será impossível obter educação sem a utilização delas. Mas, para que isso ocorra de forma significativa, os professores devem estar preparados para inseri-las em sua prática pedagógica, não apenas nos currículos e nos programas escolares.” (MAGALHÃES; RIBEIRO & COSTA, 2016 p. 18).

Com tudo, a inserção da tecnologia no contexto escolar, vai além do funcionalismo das ferramentas digitais. Sua importância está “no incentivo e participação dos alunos no processo educacional, pois os tornam sujeitos ativos na construção de sua própria aprendizagem e não meros receptores de informações.” (GONÇALVES et.al, 2018 p. 15), auxiliando a construção de um ambiente mais horizontal no contexto da sala de aula.

3. METODOLOGIA

Neste capítulo, apresentam-se os procedimentos metodológicos escolhidos para esta pesquisa. Averiguaram-se as metodologias de ensino da música por meios tecnológicos a partir da revisão bibliográfica, na qual a reflexão é conduzida pelos trabalhos encontrados no portal da CAPES e Google Acadêmico, com as palavras chave: música e tecnologia; educação musical e tecnologias, para identificar o que já foi abordado referente o assunto, e assim, encontrar a forma mais pertinente de colaborar com o trabalho. A revisão bibliográfica teve como função também, correlacionar pressupostos da tecnologia não só da música, mas também da educação como um todo, e identificar os desafios de uso na contemporaneidade, e com isso encontrar os pontos para a construção do roteiro criado para utilização na entrevista semiestruturada deste trabalho.

Finalizada a revisão bibliográfica, três professores foram submetidos a uma entrevista semiestruturada. Foram selecionados professores que: atuam na rede municipal e/ou particular de ensino básico de Caxias do Sul e região; Egressos do curso de Licenciatura em Música da UCS que se interessassem, já utilizassem e/ou gostariam de utilizar recursos tecnológicos no contexto escolar. As entrevistas foram gravadas em áudio. Segundo Markoni e Lakatos (2012), a entrevista possui uma maior versatilidade para a condução dos questionamentos, quando comparada ao questionário fechado. Além disso, possibilita ao entrevistador sanar dúvidas e adaptar questões para conquistar uma resposta mais precisa.

Sendo assim, o roteiro de entrevista dividiu-se em três blocos, o primeiro abordando a trajetória musical e educacional dos participantes, a relação dos mesmos com a tecnologia e os desafios de uso enfrentados para inserção destas na realidade escolar. Por fim, realizou-se a análise dos resultados através da síntese entre a revisão bibliográfica e as respostas dos entrevistados, material que será apresentado no próximo capítulo.

4. DISCUSSÃO

Neste capítulo serão apresentados os dados coletados na entrevista semi estruturada feita aos professores selecionados, bem como a síntese de suas opiniões referente os desafios de uso das mídias e tecnologias digitais no ambiente escolar. Para cada entrevistado, será atribuído um nome fictício.

4.1. Participante A: Mira

Formada no Curso de Licenciatura em Música pela Universidade de Caxias do Sul (UCS) no final de 2018, Mira, de 26 anos, iniciou o contato com a música ao ouvir seu avô, que era professor de música, tocar violão em casa. De forma autodidata iniciou seus estudos musicais. Referindo-se ao seu avô, Mira comentou:

“Ele era professor de violão... E aí, ele nunca me ensinou de fato a tocar, mas... Eu escutava ele dar aula então eu... a partir do que eu estava eu pegava o violão e tentava fazer sozinha sabe? Eu tirei de ouvido algumas coisas.”

A participante iniciou formalmente seus estudos de música na graduação há cinco anos. Ao longo do curso de licenciatura teve os primeiros contatos com teoria e formação de acordes. Quando questionada sobre a graduação, comentou que os primeiros anos de curso foram os mais difíceis, considerando o seu início tardio no estudo da linguagem formal da música e as suas dificuldades financeiras para financiar seu curso:

“Então eu apanhei um pouco nos primeiros anos, mas depois as coisas acabam fazendo sentido em algum momento, sabe? Então foi mais tranquilo. A partir do meu segundo ano as coisas ficaram mais tranquilas. Foi bem positivo para mim.”

Há dois anos Mira leciona música dentro do contexto escolar. Iniciou suas práticas na escola preparatória de dança, ministrando oficinas de musicalização para crianças de nove a onze anos. Posteriormente, ingressou como docente na educação básica, lecionando na escola particular La Salle Carmo, na disciplina curricular de música da educação infantil e primeiros anos do fundamental. A participante atua nessa disciplina há dois anos. Mira comentou também a respeito de suas práticas fora do contexto educacional, incluindo a produção de trilhas sonoras ao vivo para peças de teatro, grupos de percussão e bandas.

A segunda parte da entrevista abordou a relação da entrevistada com o uso de recursos tecnológicos na prática docente. Mira utiliza principalmente dispositivos de reprodução e gravação, tanto de áudio quanto vídeo, mas ressalta:

“Eu gosto mais de trabalhar com áudio, porque eu acho que a criança tem muito visual, sabe? Dentro da criação deles eles precisam ver alguma coisa para achar que ela realmente existe. Então eu trabalho bastante com criação de paisagens sonoras.”

Além da gravação, após uma oficina da ABRAORFF sobre smartphones na educação, inseriu em suas práticas a produção de *Stop Motions* e de softwares lúdicos de educação musical, como o *Zorelha*, para a compreensão da organologia dos instrumentos e conhecimento de timbres.

Mira destaca que, por ser uma escola particular, a disponibilidade de recursos é grande: computadores; equipamentos de gravação; caixas de som e iPADs fazem parte da realidade escolar. Comenta ainda, a discrepância em comparação a outras experiências profissionais que teve ao longo da sua trajetória. A inexistência de caixas de som e a própria defasagem dos recursos tecnológicos de modo geral, fez com que a educadora investisse em equipamentos necessários para suas práticas educativas, como a compra de uma caixa som portátil.

A participante deseja aprofundar o uso com softwares de produção musical, principalmente, pela possibilidade de alterar timbres e sonoridades das gravações dos estudantes. Todavia, mesmo com a disponibilidade de recursos, a participante informou que não consegue realizar algumas atividades em função de entraves da instituição. Mira comentou que

“É difícil para escola, entender que eu não to matando tempo de aula. Quando as profes levam iPADs, ou levam eles na sala do computador é mais como um momento de recreação, sabe? Não é algo de produção. E eu acho que também o pessoal que auxilia [nos laboratórios], eles não estão bem preparados para isso sabe? [...] Eu precisaria de pessoas que me ajudassem nisso, pois são 20 alunos fazendo o mesmo trabalho ao mesmo, né? Então sozinha, não tenho como.”

De modo geral, considera que as tecnologias auxiliam muito o ensino da música. Referindo-se à primeira vez que fez uso dos recursos tecnológicos para conquistar o silêncio em uma turma agitada, com o auxílio de notebook, gravou sons como software Reaper e reproduziu em uma caixa amplificadora. Segundo a entrevistada, a caixa utilizada era mais potente que sua portátil, possuía “Subwoofer” que possibilitava a percepção dos graves. Relembrando a ocasião, Mira disse que

“A gente tinha que fazer o barulho da chuva, aí eu falei para eles que quando a gente fosse escutar, realmente ia perceber que era a chuva. [...] não podia fazer nenhum barulho paralelo, pra que não estragasse. [...] Foi bem importante porque a gente gravou várias vezes e eles foram percebendo, tipo, que tinha que mudar intensidades, dar mais realidade no processo.”

Quando questionada sobre a busca por atualizações para os recursos tecnológicos voltados para a prática docente, ressaltou o desejo de se atualizar, porém explicou que em função da rotina de trabalho não teve tempo hábil para explorar esse campo.

Na terceira etapa da entrevista foram abordados os desafios que a participante enfrenta na inserção das tecnologias na prática docente. Como já mencionado, a escola em que Mira leciona disponibiliza recursos tecnológicos. Todavia, resalta que seria melhor se a sala onde trabalha possuísse isolamento acústico:

“Minha sala era do lado de uma quadra. Então, quando tem educação física, que normalmente são os cinco períodos da escola, tem sempre uma gritaria do lado, que eu tenho competir, sabe? Então, por isso que eu achei interessantes as gravações, porque as crianças acabam escutando as vozes das outras crianças que estão do outro lado da escola, sabe?”

Mira comentou que o utilizou projetor para apresentação de vídeos durante o seu Estágio IV do curso de Licenciatura em Música, no qual abordou como temática as mulheres na produção de práticas percussivas. A criação de *playlists* no *Spotify* também fez parte da rotina de seu estágio, mas ressaltou que não usou recursos de gravação nesse período, principalmente por escolher um caminho confortável no qual possuísse domínio. Quando questionada sobre as atividades que são comuns em suas aulas, não necessariamente relacionadas à tecnologia, informou que utiliza bastantes brincadeiras para estimulação da percepção musical dos estudantes. Considerando o corpo como um recurso primordial no aprendizado, atividades que proporcionem a interação com a música são o pilar principal das práticas educativas da entrevistada:

“Na aula do dia a dia tu acaba arriscando [...], vai vendo [o] que dá certo [o que] dá errado. Então tipo, se for ruim, tu tem como se corrigir depois. Mas dentro do estágio não utilizei [recursos tecnológicos].”

É comum a presença de smartphones entre os alunos da instituição em que Mira leciona. Porém, o uso dos aparelhos é restringido pela escola. Cada sala possui uma pequena caixa com tranca onde os estudantes colocam o celular no início da aula e retiram no final. Isso impossibilita atividades de coleta sonora no ambiente escolar:

“Às vezes a gente manda para um amigo uma imagem que achou legal. Mas por que você não pode mandar um som que achou legal, sabe? Então, tipo, tu pode ter escutado um passarinho e gravado e dizer tipo assim: “poxa olha só que legal esse som de passarinho que eu queria dividir contigo” e eu queria fazer isso com eles, só que a escola meio que me podou porque eles não deixam as crianças utilizarem celulares no ambiente escolar, sabe?”.

Mira comentou ainda que os iPADS disponíveis para uso na escola não são permitidos fora da sala de aula. A participante acredita também que a recepção às tecnologias muda pelo fato da disponibilidade de recurso possuir limitações de acesso. A entrevistada disse que entende a postura da instituição em proibir o uso, mas considera que seria mais eficiente se os estudantes usassem os seus próprios aparelhos para produção.

Mesmo lecionando em uma instituição com bastante recurso tecnológico, já ocorreram momentos em que esses recursos não estavam disponíveis. Por vezes, o mal funcionamento de equipamentos resultou em adaptações de última hora. Por exemplo, uma atividade que necessitava a caixa de som para o funcionamento teve que ser substituída por uma melodia cantada pela professora. Mira comentou, ao descobrir que conseguiria utilizar o computador conectado ao televisor da sala de dança, que um mundo de possibilidades surgiram para suas práticas educativas:

“Passei alguns vídeos no dia, por que tipo, eu tinha planejado de mostrar pelo computador mesmo, mas como a tela do computador é muito pequena, ficou muito mais fácil utilizar o televisor.”

Ao fim da entrevista, Mira comentou que considerava pertinente o assunto abordado nesta pesquisa. Enfatizou que a temática é recente e com os avanços da tecnologia dos últimos anos, o professor precisa adaptar suas práticas docentes a novas realidades. A entrevistada considera que há a necessidade na graduação que haja mais disciplinas que dialoguem sobre a inserção dessas tecnologias na sala de aula.

4.2. Participante B: Guto

Formado no Curso de Licenciatura em Música pela Universidade de Caxias do Sul (UCS) no final de 2018, Guto de 26 anos, iniciou os estudos de música com aulas de bateria na Igreja Católica com nove anos de idade. Principalmente por ser impraticável para ele ter uma bateria no apartamento que morava, substituiu o

instrumento por um contrabaixo elétrico, instrumento que se dedicou a estudar nos anos seguintes.

Em 2011 teve sua primeira experiência como professor, ensinando violão para colegas da escola, ainda de forma informal. Dois anos após a primeira experiência, foi indicado para lecionar em uma escola de música. Segundo o entrevistado, um novo mundo de possibilidades surgiu, dando início a sua trajetória como educador musical:

“E foi meio assim, fui gostando, descobrindo as bandas. Sempre uma coisa muito minha. Só tinha meu irmão que tocava também. O resto da família não dava bola pra isso, então era algo bem pessoal. Acabei trabalhando com comércio exterior e não dando certo. Uns amigos da igreja disseram: “Estamos na UCS estudando música. É bem legal.”

Ao matricular-se no curso de Licenciatura em Música, demorou a escolher o instrumento principal. Guto não tinha certeza em qual instrumento aprofundaria os estudos, todavia escolheu o violão, instrumento que possuía maior afinidade. Na graduação, desenvolveu grandes interesses pela teoria musical e principalmente por análise harmônica. Enquanto estudante ministrou oficinas de musicalização em casas de assistência social.

Atualmente, Guto atua como professor de Arte em uma escola municipal de Caxias do Sul. Trabalhando com turmas de vinte alunos, em média, de quinto ao nono ano e turmas de aceleração (T.A). Após analisado, que a evasão escolar estava presente ainda no ensino fundamental, principalmente pela distorções de idade/série, surgem as turmas de aceleração no intuito de preparar para o ensino médio.

Quando questionado sobre disciplinas que leciona e conteúdos que aplica em suas aulas, comenta que nas aulas, transita por outros fazeres artísticos, como artes visuais e teatro, mas sempre que possível, conecta-os com a música.

“Nem sempre consigo [conectar com música] por falta de estrutura, por entender também que os alunos do ensino fundamental se interessam muito por desenhar e pintar. Sou o único professor de artes deles. Se eu não trabalhar isso, eles não vão fazer isso em outra aula e raramente farão isso.”

Quanto a conteúdos, menciona o trabalho com a parte histórica, abordando a arte primitiva a partir do sétimo ano e culminando no nono ano com dadaísmo e as manifestações contemporâneas de arte. Comenta também a realização de

atividades de desenho, pintura, criações artísticas de modo geral com recursos do teatro e outros. Quanto à música, desenvolve atividades sobre os parâmetros do som, percussão corporal, percussão com a classe, canto em turmas específicas que são mais abertas para tais propostas.

Quando questionado, referente aos recursos tecnológicos que utiliza em suas aulas, mencionou o uso de três ferramentas principais disponíveis para os professores. A primeira foi o computador com projetor integrado, apelidado carinhosamente de “Dilmão”, possibilitando a apresentação dos slides em qualquer lugar por ser um aparelho compacto e móvel. A segunda ferramenta foi a sala de vídeo que, por ser bem equipada e escura, possibilita assistir a filmes e vídeos para complementar os aprendizados da sala de aula. O terceiro item citado foi a sala de informática, porém, para Guto, esse espaço é um pouco complicado de se usar:

“É uma sala pra toda escola, então é difícil conseguir nos períodos que tu quer. Um trabalho de informática dificilmente vai ser concluído em um período de 50 minutos, eu tenho dois períodos por semana espalhados. Dificilmente vou conseguir reservar a sala de informática para os dois horários que eu tenho com a turma. Então, para utilizar a sala, tenho que fazer um trabalho quebrado, uma aula sim outra não. Enfim, tem essa dificuldade. Os computadores são bons e tal, mas tenho dificuldade de usar a sala por isso.”

Complementa que a sala de informática acaba sendo usada mais para criação de slides de pesquisas realizadas pelos estudantes. Guto comentou sobre o seu desejo de trabalhar com trilha sonora, fazendo com que os alunos gravassem sons para utilizar com desenhos feitos por eles. Porém, os computadores disponíveis não teriam capacidade para uma tarefa mais elaborada, fazendo com que o participante desistisse da ideia, como comentou em entrevista:

“Eu gostaria de poder usar esses programas de edição de áudio, porque depois que o aluno pega a ideia do Reaper ou outro programa que é livre, do Linux [...] todas essas questões da linguagem do som, da linguagem da música estão claras ali. [...] Edição de vídeo também é interessante para parte de artes. São coisas que tenho vontade [de utilizar em aula, mas] são coisas bem difíceis [de realizar] lá.”

Quando questionado se as dificuldades encontradas se dão pelas restrições técnicas das máquinas, Guto complementou que os computadores não possuem caixas de som nem fones de ouvido. Por mais que alguns alunos tenham os próprios fones, salientou que não podia pedir para que os alunos dividissem os fones, tanto porque muitos fones funcionam somente de um lado quanto por questões de

higiene, visto que só há fones intra-auriculares disponíveis na escola. Guto considera que as tecnologias podem sim auxiliar o ensino da música. Destacou a importância que o projetor tem para suas práticas educativas, servindo tanto como apoio, mas também como um fio condutor para muitas das suas aulas:

“Meu conhecimento é o que eu tenho pesquisado recentemente em artes visuais, então, quando eu preparo uma aula de artes visuais, sempre vou buscar os recursos tecnológicos pra me ajudar. Se um aluno me pedir pra ajudar a fazer um desenho, eu não tenho condições nenhuma de pegar um lápis e tentar ajudar ele com uma folha. Por isso trago as imagens e vídeos de como fazer.”

Quando questionado sobre a busca por atualizações, no que se refere a tecnologias voltadas para sua prática docente, afirma que não. Complementa que acaba utilizando os recursos que sabe que a escola possui e os que já conhece. Guto gostaria de se atualizar mais, porém não acredita tanto na validade disso, visto que não tem conseguido por em prática nem os conhecimentos que já possui sobre esses recursos.

Ao elencar as atividades mais comuns em suas aulas, o professor considera o desenho como a prática mais recorrente, tanto abordando algum assunto específico, quanto técnicas e referências atribuídas no momento das aulas. Guto ressalta também aulas que costuma conduzir aulas com teor mais teórico expositivo sobre a história da arte. Atividades de percussão, tanto com material escolar tradicional quanto com copos fazem parte do cotidiano da sala de aula. O participante acrescenta que alguns assuntos específicos funcionam apenas em algumas turmas, como teatro, canto e discussões sobre estética da arte.

Referente a trabalhos desenvolvidos no período que realizou estagiou durante a graduação, Guto destacou trabalhos de pesquisa feitos pelos estudantes. Em seu estágio, forneceu atividades em que grupos de alunos pesquisaram bandas e grupos musicais da região e entrevistaram artistas. Concernente à utilização de recursos tecnológicos, alguns dos grupos de alunos utilizaram gravações em vídeo para a apresentação dos resultados. Para essas práticas o uso dos celulares e projetores era frequentemente requisitado. Por outro lado, a relação com os celulares na escola onde leciona atualmente é diferente. Guto destacou que alguns professores se incomodam mais com os aparelhos:

“Os alunos percebem que o celular irrita os professores, por que é bastante irritante tu estar falando com uma turma e tu achar que estão te ouvindo e

daqui a pouco algum grita porque ele matou alguém uma partida ranqueada de FreeFire, entendeu?”

Mesmo sendo um professor favorável ao uso de celular na aula, comenta que às vezes esses recursos tecnológicos dão uma liberdade para o estudante que não tem maturidade para lidar com seu uso. Guto descreveu uma situação que presenciou e que embasa seu raciocínio, na qual uma professora de teatro conduziu uma atividade de improvisação e dois alunos simularam uma relação sexual. Em questão de segundos outros estudantes começaram a filmar a cena. O professor ressalta os perigos de uma propagação indevida do vídeo, retirando-o do contexto, conforme se observa em seu comentário:

“Isso pode dar uma confusão absurda, e tá lá a imagem do professor, da escola. Quando eu ouço um professor 100% a favor do celular eu já imagino que essa pessoa esteja sendo um pouco hipócrita, porque é difícil de controlar o uso do celular. [...] [O uso do celular] gera algumas situações problemáticas dentro da sala de aula.”

Mesmo com as dificuldades, Guto insere os celulares em suas práticas educativas. O professor conta sua experiência na turma de aceleração, observando um episódio em que alunos com dificuldades de compreensão recorrem à violência:

“Tinha as imagens, mas não tinha como deixar todas em uma tela só. Eu passava e eles tiravam a foto com celular, era uma coisa um pouco rudimentar [...] Gostaria de utilizar mais, quero ainda fazer um trabalho de fotografia, os celulares que eles têm já possuem câmeras melhores que cursos de fotografia de alguns anos atrás.”

Guto acredita ser possível a utilização dos recursos tecnológicos. Pretende inserir esses recursos o quanto antes na sua prática docente. Segundo o entrevistado, a coordenação pedagógica da escola é acessível e apoia as iniciativas dos professores. Porém ressalta que, caso trabalhe com celulares em sala de aula, precisará redobrar sua atenção, pois pode ocorrer o fato de algum aluno usar o aparelho de forma que atrapalhe a aula. Quando questionado sobre o planejamento e as adaptações necessárias em função das tecnologias, o participante comentou que é comum ocorrer adaptações. A escola não possui tantos recursos, mas ainda assim ocorre uma organização para que ocorra uma rotatividade dos mesmos, conforme descreveu:

“Se eu pedir no dia, mais provável que eu não consiga [utilizar]. E outra que o teu planejamento é quebrado por alguma coisa. Sei lá, os alunos não trouxeram o caderno aquele dia, choveu veio pouca gente, ou até tu esqueceu alguma coisa e daí tu quer improvisar. E daí, seria bom ter essas coisa nesses momentos de improviso para ter uma aula mais dinâmica, mas daí é difícil conseguir.”

Ao fim da entrevista, Guto apontou que considera importante ressaltar que só o investimento nas instituições de ensino não será a solução do problema educacional do país. Acredita que o real desafio não está relacionado à estrutura física ou digital da escola, mas sim a necessária atenção para o lazer, alimentação e segurança dos estudantes e da sociedade como um todo. Segundo o entrevistado,

“Tem que ter essas coisas básicas antes. Depois tu vai pôr um computador [na escola], não precisa ser o melhor. Um [computador] básico vai dar pra trabalhar na sala, se eles tiverem com vontade de aprender. [Porém, para] quem ta com fome, não tá com vontade de aprender.”

4.3. Participante C: Duda

Formado no Curso de Licenciatura em Música pela Universidade de Caxias do Sul (UCS) no final de 2015, Duda, de 32 anos, iniciou os estudos de música aos doze anos em um projeto extracurricular de violão e canto na escola onde estudava. Aos quinze anos de idade queria aprofundar os estudos de violão clássico. Para tal, deu aula para colegas e amigos, podendo, desse modo, juntar o valor necessário para pagar as aulas com um professor particular. Por alguns anos, afastou-se do violão enquanto cursava engenharia. Todavia, logo percebeu que não se sentia confortável com os serviços industriais, optando assim por ingressar no curso de licenciatura em música, conforme relatou:

“Quando abandonei a indústria, que eu não gostava, eu voltei a dar aula de violão, instrumento que sempre estudei. Dei oficinas no SESI, aí depois de formado eu comecei como nomeado do município de Farroupilha no ano de 2015 já. Então vai fazer quatro anos, lecionando musica na disciplina de arte, dentro do currículo formal da educação.”

Atualmente, é professor em duas escolas municipais, localizadas em Farroupilha. Duda dá aulas para turmas do quarto ao nono ano. Em Caxias do Sul, atua desde o início de 2019, lecionando para turmas do primeiro ao nono ano do ensino fundamental, exceto para a turma do terceiro ano, que possui outra professora. O entrevistado leciona a disciplina intitulada Arte, porém ressalta que

sua especificidade é música, embora aborde também conceitos das artes visuais em suas aulas. As turmas em Farroupilha possuem uma média de vinte cinco alunos, enquanto as turmas de Caxias do Sul possuem média de trinta alunos.

Quando questionado sobre os conteúdos que costuma ensinar, Duda informou que na parte da música trabalha com percussão corporal, por ser um recurso sempre disponível (o corpo), repertório na flauta doce adquiridas pela escola de Farroupilha, apreciação e jogos musicais. O participante comentou também que, referente a artes visuais, pesquisa algumas técnicas para passar aos alunos, explorando ponto de fuga no momento desta pesquisa. Os recursos tecnológicos se fazem presente de duas formas principais nas práticas docentes de Duda. O primeiro recurso que o entrevistado utiliza é o Data Show e o segundo é o equipamento de som. Segundo Duda, a disponibilidade dos recursos não é viável em todos os momentos das aulas:

“Até adquirir um som portátil um pouquinho melhor pra não carregar aquelas caixas que tem na escola, que costumam ser grandes e super pesadas, né?[...] Data Show é um problema, pois tem [apenas] um [disponível na escola]. Na outra escola tem dois, mas às vezes estão ambos sendo utilizados e tu acaba sem. Tem que ser muito bem planejado para conseguir utilizar.”

O participante comentou que faz uso do dispositivo de projeção para apreciação de vídeos musicais, exemplos de construção de instrumentos alternativos e leituras de partituras. Funcionando também como um substituto do quadro, ganhando tempo na hora de compartilhar informações e possibilitando estudos coletivos de flauta, onde a vassoura torna-se “batuta” que indica as notas na projeção.

Quando questionado sobre os recursos tecnológicos que gostaria de utilizar, comentou o desejo de trabalhar com os softwares musicais no laboratório de informática. Todavia, pela precariedade e baixo número de máquinas disponíveis na escola, fica inviável atividades que exijam muito dos aparelhos.

“Se usa mais para trabalhos de pesquisa teórica, história da música. Aí tu consegue dar um pouco de tarefa pra casa e eles finalizarem no computador em turnos contrários. Quem estuda de manhã vem de tarde, mas é bem complicado.”

Duda considera que as tecnologias podem ajudar o ensino da música, principalmente se os professores conseguirem tornar o celular um aliado. O

entrevistado comentou que os smartphones muitas vezes são um problema na sala de aula. Dessa forma, o melhor a se fazer é auxiliar os alunos para que utilizem em benefício do ensino. Para ele, o professor não é mais o detentor exclusivo do conhecimento, visto que os estudantes tem acesso a toda informação com poucos cliques no Google. Duda acredita que o foco do educador enquanto planeja suas aulas tem que ser outro. As ferramentas de pesquisa precisam se tornar aliadas para um bom planejamento de aula.

Quando questionado sobre as maneiras de atualizar-se referente às novas tecnologias, o participante comentou que se atualiza principalmente de maneira autodidata, pela internet. Porém, ressaltou também cursos e oficinas que focam na utilização de recursos tecnológicos, como exemplo no curso que atualmente está realizando, destinado a professores que têm interesse em produções *Stop Motion*.

Quanto a ferramentas tecnológicas que as escolas disponibilizam para uso na sala de aula, o professor destaca o uso de projetores móveis, Notebook e caixas de som. O entrevistado informou que a escola que trabalha em Caxias do Sul possui quadro negro, mas para o uso do projetor é necessário levar também uma tela de desenrolar branca, gerando assim certo trabalho para carregar todo o aparato. Comentou também que ambas as escolas possuem projetores fixos nas salas de informática.

Duda informou que os únicos recursos tecnológicos trazidos pelos alunos são os celulares e caixas de som portáteis. Segundo ele, a escola enfrenta esses recursos como uma problemática, visto que muitas vezes os estudantes utilizam esses recursos como uma afronta aos professores: “não estou fazendo o que você está mandando, faço o que eu quero”. Tornando assim proibido o uso na sala de aula, apenas com permissão dos professores:

“É proibido [o uso de smartphones na escola] aqui em Caxias. Estou há pouco tempo então não tenho esse espaço de diálogo. Não construí ainda. Mas em Farroupilha, quando eu preciso, eu mando um bilhete dizendo que o celular vai ser utilizado pra atividade pedagógica. E aí já tem essa relação construída com direção e família de estar de “sobrevivo”. E isso já mudou também a relação do uso do celular dos alunos na minha aula, né? [...] Então, quando eu peço para guardarem eles já são mais receptivos.”.

Quando questionada a forma com que os estudantes costumam utilizar esses recursos, Duda comentou que diariamente os telefones são usados principalmente para ouvir música e acessar as redes sociais. O entrevistado complementou,

dizendo que fica impressionado pelo fato de a maioria de seus alunos desfrutar de internet pessoal, mesmo em realidades periféricas. De modo geral, os estudantes utilizam bastante Facebook e Whatsapp, o que requer dos professores uma atenção redobrada referente aos conteúdos que estão sendo acessados com os celulares, sendo necessário solicitar que parem de gravar os colegas, fato que ocorre por diversas razões.

Duda afirmou já ter planejado aulas com recursos tecnológicos e deparar-se com uma situação onde seria impossível utilizá-los. Complementou que seu planejamento é feito pensando também nas restrições da escola, se os recursos não estão disponíveis é necessário adaptar e às vezes até mudar completamente o planejamento, conforme se observa em seu relato:

“Às vezes tu tem que mudar totalmente teu plano de aula, ir para uma aula mais a frente de outro plano de unidade: “hoje íamos gravar com gravação das composições da flauta doce”, [mas] não tem os recursos para gravar. Vamos trabalhar com historia da música, mudar totalmente às vezes, ou apenas ensaiar o repertorio dos grupos, pra prova prática.”.

Ao fim da entrevista, quando aberto espaço para comentários, o participante considerou relevante falar que para os seus alunos ainda é bastante recente receberem aulas de música. Ademais, Duda apontou que também é um desafio para os professores de música da educação básica, visto que, na maioria das vezes, eles estão acostumados com experiências de aulas particulares de música. O entrevistado destacou a necessidade de o professor estar preparado para situações cotidianas, sendo elas: a frustração diária de planejamentos mal sucedidos e deparar-se muitas vezes com alunos cansados e desanimados com a rotina escolar. Duda encerrou a entrevista destacando sua busca diária para atingir seus alunos com algo novo que os traga para novas realidades através de experiências significativas e musicais. Situações que favoreçam tanto aspectos cognitivos quanto emocionais dos estudantes.

5. RESULTADOS

Neste capítulo será apresentada a correlação da revisão bibliográfica às respostas dos entrevistados discutidas no capítulo anterior. Serão abordados a trajetória musical e educacional dos entrevistados, a relação dos mesmos com a tecnologia e os desafios de uso enfrentados para inserção desses recursos digitais na realidade escolar.

5.1. A trajetória na educação musical

Quando comparadas as trajetórias dos entrevistados percebe-se que os participantes seguiram caminhos diferentes antes de ingressarem no curso de graduação. Mira teve seu início de forma autodidata, ouvindo seu avô, enquanto Guto frequentou aulas de bateria aos nove anos, na Igreja Católica e Duda participou de projetos extracurriculares na instituição que estudava.

Duda foi quem lecionou mais cedo. Aos quinze anos deu aula de violão para os colegas para pagar as suas aulas particulares com o professor de violão clássico. Guto teve um início similar, porém as aulas que ministrava não possuíam um caráter formal, até começar, com vinte anos de idade, a lecionar em escolas de música. Mira, entretanto, iniciou formalmente seus estudos de música na graduação e foi durante esse período que lecionou pela primeira vez na escola preparatória de dança, ministrando oficinas de musicalização.

Formado há mais tempo, Duda é professor concursado, atuando em duas escolas, uma no município de Farroupilha e outra em Caxias do Sul. Guto, formado desde o início do ano, atua também no município de Caxias do Sul. Os dois participantes lecionam a disciplina de Arte. Contudo, Mira trilhou um caminho diferente. Além de professora há dois anos em uma escola particular, na disciplina curricular de música da educação infantil e primeiro ano do fundamental, trabalha fora do contexto educacional com a produção de trilhas sonoras ao vivo para peças de teatro.

É possível encontrar nas práticas docentes dos entrevistados o modelo T.E.C.L.A. de Swanwick, apud Leme (2003), ainda que ocorra de forma fragmentada. Mira é a única dos três a atuar na disciplina exclusiva de música. Dentre suas práticas estão atividades de sensibilização da parte musical (Apreciação), paisagem sonora (Composição), parâmetros do som e brincadeiras musicais. Enquanto que Guto e Duda transitam por outros fazeres artísticos, como artes visuais e o teatro, porém sem abandonar completamente a sua área de formação, a música. Duda utiliza a percussão corporal (Técnica), flautas doces (Execução), apreciação musical como recursos didáticos além dos jogos musicais. Guto, por sua vez, insere em suas aulas atividades de estudo histórico (Literatura), abordando desde arte primitiva até a contemporânea além de atividades de percussão com as classes. Ambos citam o desenho como parte de suas atividades didáticas cotidianas.

5.2. A relação com a tecnologia

Mesmo com trajetórias na educação distintas, a relação com a tecnologia dos entrevistados se assemelha bastante em alguns pontos. Duda considera dois recursos tecnológicos os principais aliados de suas práticas pedagógicas. O primeiro é o projetor, que utiliza para apreciação de vídeos e substituto do quadro tradicional, permitindo ao professor compartilhar informações com mais agilidade e projetar partituras para ensaios coletivos. O segundo é o equipamento de som, utilizado principalmente para apreciação de obras de diversos períodos. Guto, por sua vez, também considera o projetor uma de suas principais ferramentas tecnológicas, tanto o dispositivo móvel que leva para a sala, quanto o fixo disponível na sala de vídeo da escola. Lisboa, Bottentuit e Coutinho (2009) consideram que o audiovisual em contexto de ensino favorece práticas de reflexão, pois permite aos estudantes a contemplação de realidades e culturas diversas, e assim, propiciar uma leitura da realidade na qual estão inseridos. Todavia, destacam:

“Para que ele realmente funcione como uma estratégia de ensino e aprendizagem, torna-se o necessário que seja integrado nas instituições escolares de forma crítica e consciente, visando desenvolver nos alunos competências e habilidades necessárias para que possam inferir sobre a realidade que os cerca.” (LISBOA; BOTTENTUIT; COUTINHO, 2009. p.08).

Mira, no entanto, considera os recursos de gravação e reprodução de áudio como uma de suas principais ferramentas pedagógica, utilizando o seu smartphone como aliado em muitas de suas práticas. A participante reconhece também que por trabalhar em uma instituição particular dispõe de muitos recursos que em outras realidades educacionais não são de comum acesso, como: iPADS, equipamentos de gravação e computadores de qualidade superior. Guto e Duda destacam que os computadores disponíveis para os alunos costumam ser pouco produtivos, limitando-os a trabalhos de pesquisa e criação de apresentações em slides. Sem a já mencionada revisão estrutural, fica impraticável a inserção das políticas públicas de educação que citam as tecnologias de modo geral. Cuervo et. al (2018) consideram a qualidade de conexão instável, precariedade dos recursos tecnológicos e as lacunas da formação como alguns dos motivos do atraso da inserção de inovações digitais no ensino da música.

Todos os professores entrevistados citaram o desejo de aprofundar o uso de softwares de produção musical, principalmente pela possibilidade de trabalhar com as ondas sonoras gravadas pelos estudantes. Talvez esse seja o principal ponto de

conexão entre os três entrevistados. Embora inseridos em realidades distintas, todos os entrevistados identificaram entraves no educar para as mídias e recursos tecnológicos que desejam. Pires (2010) destaca que a produção por meios tecnológicos possibilita a apropriação estética dos recursos. Da mesma forma, os entrevistados desta pesquisa enxergam que esses recursos de produção permitem aos alunos uma maior compreensão da linguagem, tanto digital quanto musical.

De modo geral, todos os participantes consideram que as tecnologias podem auxiliar o ensino da música. Mira destaca que o simples ato de gravar algo possibilita aos alunos perceber questões de intensidade, duração e timbre, tudo a partir das próprias produções dos estudantes. Guto afirma que o projetor tem uma grande importância em suas práticas educativas servindo de fio condutor para muitas situações. Duda complementa a reflexão ao citar que o celular pode se tornar um aliado do ensino. Sabendo que os smartphones muitas vezes são problemáticos na sala de aula, transformá-lo em ferramenta pedagógica pode trazer resultados benéficos. Magalhães, Ribeiro e Costa (2016) consideram que as tecnologias precisam ser vistas como complemento no aprendizado, aproximando a escola à realidade dos estudantes, de modo que esses recursos tenham papel significativo na aprendizagem dos alunos.

Quando questionados sobre a busca por atualizações no que se refere a novas tecnologias voltadas para educação, somente Duda cita de que forma tem se atualizado. Tanto oficinas quanto a internet mostram-se aliados no seu processo de aprimoramento técnico. Mira ressalta o desejo de se atualizar, porém explica que em função da rotina de trabalho, não consegue realizar grandes avanços na procura por recursos que complementem sua prática pedagógica. Guto, entretanto, afirma não procurar maneiras de se atualizar, visto que ainda não conseguiu por em prática todas as ideias e possibilidades que identificou nos recursos que a escola dispõe atualmente. Para Bittencourt e Albino (2019), não só a sociedade, mas também as instituições de ensino necessitam treinamento para a implementação das mídias digitais nos ambientes de ensino. Os autores consideram que essa defasagem é um dos fatores que tem contribuído para a utilização das tecnologias de maneira equivocada ou superficial.

5.3. Os desafios de inserção

Para entender os desafios de inserção da tecnologia na sala de aula, é preciso compreender como cada professor conduz suas aulas. Mira destaca a importância de considerar o corpo no aprendizado, atividades que proporcionem essa interação estão sempre presentes em suas aulas. Guto apontou suas aulas teóricas de história da arte, enquanto Duda investe em propostas de musicalização através da flauta doce. As ferramentas tecnológicas disponíveis nas escolas municipais, onde Duda e Guto trabalham, são semelhantes. Em ambos os casos, as principais ferramentas são projetores, caixas de som e a sala de informática. Mira, destaca que a disponibilidade de recursos tecnológicos influenciam o processo de planejamento das aulas.

Schramm (2009) comenta que a popularização dos computadores e outros recursos tecnológicos surgem para auxiliar o ensino. Todavia, ressalta a importância de fundamentar pedagogicamente o uso dessas ferramentas.

Nas escolas onde todos os professores atuam, é comum a presença de smartphones. Porém, somente na escola da Mira os celulares são recolhidos no início do período de aula e trancado em uma caixa na sala. Os iPADS, são disponibilizados para uso somente dentro da sala, impossibilitando atividades de coleta sonora no ambiente escolar. A entrevistada entende a postura da instituição em proibir o uso, todavia, consideraria mais eficiente se os estudantes tivessem acesso aos próprios celulares. Guto assume uma postura favorável ao uso de celular na sala de aula, entretanto, destaca que pelas suas experiências, às vezes, os recursos tecnológicos dão aos estudantes uma liberdade que ainda não possuem maturidade para lidar. Posicionamento semelhante de Duda, o qual informa que muitas vezes a escola enfrenta esses recursos como uma problemática à autoridade do professor, tornando assim proibido o uso sem a autorização dos professores. Ambos os educadores da rede municipal tentam inserir os aparelhos celulares nas suas práticas educativas. Todavia, ressaltam que é preciso redobrar a atenção quando inseridas essas tecnologias nas suas aulas, pois os aparelhos celulares facilmente podem ter seu uso direcionado para outras funções que desvirtuam a aula.

Krimberg, et. al. (2017) ressaltam que só a inserção de dispositivos móveis como smartphones e tablets não potencializam os momentos de aprendizagem.

Para isso, o professor precisa desenvolver de forma coesa o seu planejamento de aula. Conforme Krimberg et. al. (2017, p.01),

“Quando utilizadas em sala de aula, essas ferramentas apresentam, além de seu conteúdo, imagens, cores, sons e formas de navegação que podem afetar de maneira significativa, seja negativa ou positivamente os processos de ensino e de aprendizagem. Cabe aos professores dessa forma, prever em seus materiais critérios de avaliação de dispositivos e aplicativos, tendo em vista seu público alvo, área de estudo e faixa etária dos seus alunos, por exemplo.”.

Todos os professores identificaram em suas práticas, momentos onde os recursos tecnológicos estão indisponíveis necessitando adaptações de última hora em seus planejamentos de aula. Mira comenta um acontecimento onde a caixa de som que precisaria para sua aula não funcionou, o que fez com que ela necessitasse realizar uma readequação à sua aula. Todavia, a entrevistada destacou que problemas com os equipamentos são casos isolados na instituição na qual leciona. Guto e Duda, entretanto, destacam certa frequência nesses acontecimentos, principalmente em função da escassez de recursos disponíveis nas escolas. Nas instituições municipais os recursos tecnológicos precisam ser solicitados com antecedência, para que a equipe diretiva organize a distribuição das ferramentas.

Quando aberto espaço para os entrevistados acrescentarem seus apontamentos, todos ressaltaram assuntos pertinentes para a pesquisa. Mira considera que, com os avanços das tecnologias, cabe aos educadores adaptar suas práticas. Para a participante, o aprendizado de ferramentas tecnológicas deve começar na graduação. Grande et. al. (2017) destacam que essa discussão precisa estar presente no curso de graduação, para assim proporcionar embasamento aos educadores na hora de utilizarem esses recursos na sala de aula. Segundo os autores,

“Nesta perspectiva entende-se que o uso dos dispositivos móveis oportuniza aos estudantes e futuros professores possibilidades para construir e intensificar seu processo de ensino e de aprendizagem em qualquer hora e local. [...] Esses fatores proporcionam condições para a ampliação de oportunidades viáveis por meio dos dispositivos móveis, de forma que possam promover situações inovadoras no planejamento docente e na aprendizagem dos estudantes.” (GRANDE et. al. 2017. p. 04).

Duda complementa que, segundo ele, o professor não é mais o único detentor dos saberes. O educador precisa preparar-se para a frustração diária de

planejamentos mal sucedidos e alunos muitas vezes cansados do ambiente escolar. Para Guto, não haverá alunos dispostos a aprender apenas com investimento nas instituições de ensino, mas sim, quando os investimentos direcionarem-se para o lazer, alimentação e segurança dos estudantes. Para Gonçalves et.al. (2018) o currículo da educação básica necessita de uma revisão detalhada, sendo necessário principalmente, a resignificação da prática pedagógica na sala de aula, de modo que o aprender contemple as necessidades dos estudantes, acarretando a construção do conhecimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Constatou-se nesta pesquisa que os desafios de inserção das mídias e tecnologias digitais no contexto de educação básica vão além dos problemas de escassez de recursos tecnológicos. Tanto a revisão bibliográfica quanto as entrevistas e suas respectivas análises, possibilitaram a compreensão de parte da realidade escolar caxiense, assim com da aplicabilidade de metodologias de ensino por meios tecnológicos a partir da experiência de três jovens professores de música.

A educação pela, com e para a tecnologia representam os fios condutores no planejamento que almeja a inserção dos recursos tecnológicos na sala de aula. Mesmo que indiretamente, foi possível destacar nas práticas dos educadores entrevistados a presença dessas metodologias, ainda que muitas vezes presentes como um suporte para as práticas tradicionais de ensino aprendizagem. Observou-se que as restrições de recursos tecnológicos impactam diretamente no planejamento dos professores, principalmente nas instituições públicas onde o acesso a esses equipamentos é limitado. Mesmo em realidades distintas, os professores mencionaram recursos digitais de projeção de imagem, caixa de som como itens recorrentes em suas práticas. É importante salientar que todos os professores se relacionam de maneira positiva com os recursos tecnológicos e vislumbram o uso de softwares de manipulação sonora e produção musical, ainda que tenham identificado empecilhos para a inserção dessas atividades.

Durante minha graduação, a inserção das tecnologias na realidade cotidiana de ensino aprendizagem, mostrou-se como um desafio contínuo. Todavia, esta pesquisa possibilitou comparar as minhas experiências com as percepções de professores atuantes da rede básica de ensino, para assim embasar e conduzir minhas futuras práticas enquanto docente. Essa reflexão torna-se pertinente também para o meio acadêmico, visto que a inserção de professores de música nas instituições de educação básica é uma prática recente na região.

É necessário um aprofundamento nas metodologias que abordam a tecnologia como ponto principal do ensino, tanto de modo geral quanto específico da música. Em pesquisas futuras poderão ser listados e analisados dispositivos, softwares e aplicativos para utilização em educação musical, em busca de uma maior compreensão e divulgação de procedimentos metodológicos para uso desses recursos pelos professores de música no contexto de sala de aula.

A reflexão sobre os desafios de uso das mídias e tecnologias digitais no ensino da música são fundamentais em vista do crescente uso de recursos tecnológicos em sala de aula. Espera-se que esta pesquisa estimule a reflexão sobre a temática e instigue novas pesquisas, abarcando percepções de outros professores de música que utilizam tecnologia em sua prática docente. Por fim, ressalto minha intenção de futuramente realizar uma pesquisa que englobe a relação entre a tecnologia e professores mais antigos, aqueles que não se enquadram entre os nativos digitais para assim estabelecer um panorama mais amplo da realidade escolar, tanto na rede básica de ensino quanto no ensino superior.

REFERÊNCIAS

BARRETO, Raquel Goulart. **Tecnologia e educação: trabalho e formação docente.** Educ. Soc., Campinas, vol. 25, n. 89, p. 1181-1201, Set./Dez. 2004

BITTENCOURT, Priscilla A. Santana; ALBINO, João Pedro. **O uso das tecnologias digitais na educação do século XXI.** Rev. Ibero-Americana de Estudos em Educação, Araraquara, SP, Brasil, v. 12, n. 01, jan/mar. 2017.

BUENO, Paula A. Reis; COSTA, Rosa M. C. Dalla; BUENO, Roberto Eduardo. **A Educomunicação Na Educação Musical E Seu Impacto Na Cultura Escolar.** Educ. Pesqui; São Paulo, nov. 2012.

CERNEV, Francine Kemmer. **Aprendizagem colaborativa mediada pelas tecnologias digitais: um estudo realizado nas aulas de música no contexto da educação básica.** Hipertextus Revista Digital, v.10, Julho. 2013.

CHAPARRO-HURTADO, H.R. & GUZMÁN-ARIZA, C. M. (2014) **Los (múltiples) centros de la esfera: cultura, juventud y educación como aventuras contemporáneas.** Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud, 12(2), PP. 691-701. 2014.

CUERVO, L. da C., WELCH, G. F., MAFFIOLETTI, L. de A., & REATEGUI, E. (2019). **Cultura digital e docência: possibilidades para a educação musical.** Acta Scientiarum. Education, 41(1), e34442. 2019.

GRANDE, Tássia P. F.; Ana C. R.; SONEGO, Anna H. S. BEHAR, Patricia A. **Construção de aplicativos educacionais na formação de professores: critérios pedagógicos, técnicos e interavios.** Nuveas Ideas em informática educativa, v. 13, p. 438 -445, Santiago Chile. 2017.

GOHN, Daniel. **Tecnofobia na música e na educação: origens e justificativas.** Opus, Goiânia, v. 13, n. 2, p. 161-174, dez. 2007.

DE SOUZA, Daiana Maria Holz; SOUZA, Mauricio de. **Stop Motion: A linguagem cinematográfica e o processo de ensino aprendizagem através do celular.** Divers@ Revista Eletrônica Interdisciplinar, Matinhos, v. 11, n. 2, p. 114-123, jul./dez. 2018.

GONÇALVES, Elivelton Henrique; OLIVEIRA Guilherme Saramago; GHELLI, Kelma Gomes Mendonça. **As Tecnologias Digitais No Processo De Ensino E Aprendizagem Da Matemática Na Educação De Jovens E Adultos.** Cadernos da Fucamp, v.16, n.28, p.133-149/2018.

KRIMBERG, Laura; SONEGO, Anna H. S.; RIBEIRO, Ana C. R.; BEHAR, Patricia A. **O uso de dispositivos móveis na educação: Desafios na formação de professores.** Anais do Congresso Internacional de Educação a Distância (ESUD), 2018.

LEME, Gerson Rios. **Professores de escolas de música: um estudo sobre a utilização de tecnologia.** Revista da ABEM, v. 15, n. 17. 2007.

LISBOA, Eliana S.; BOTTENTUIT, João B. Junior; Coutinho, Clara P. **O contributo do vídeo na educação online.** Actas do X Congresso Internacional Galego-Português de Psicopedagogia. Braga: Universidade do Minho, 2009.

MAGALHÃES, ANA P. FRANKLIN; RIBEIRO, Mariana Rodrigues; COSTA, Thamiris Fernandes. **TECNOLOGIA DIGITAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL: um estudo exploratório em escolas de Belo Horizonte.** v. 8 n. 1; PEDAGOGIA EM AÇÃO. ago. 2016.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados.** 7. Ed. São Paulo: Atlas, 2012. 277p.

MARTINS, Vitória C. Cardoso; CARDOSO, Raquel Macedo; PONTES, Aldo Nascimento; PONTES, Altem Nascimento. **Tecnologias digitais: criação e utilização de mídias sociais como ferramenta educacional para a temática ambiental e o ensino de ciências.** Revbea, São Paulo, V. 13, No 4: 190-206, 2018.

MOREIRA, Antonio Flavio Barbosa; KRAMER, Sonia. **Contemporaneidade, educação e tecnologia.** Educ. Soc., Campinas, vol. 28, n. 100 - Especial, p. 1037-1057, out. 2007.

MOTTA, Paloma Neves. **O Cinema e o ensino da Arte: possibilidades de diálogo.** Trabalho de Conclusão de Curso – TCC. Dez. 2018.

PIRES, Eloíza Gurgel. **A experiência audiovisual nos espaços educativos: possíveis interseções entre educação e comunicação.** Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 36, n.1, p. 281-295, jan./abr. 2010

PRENSKY, Marc. **O papel da tecnologia no ensino e na sala de aula.** Conjectura, Marc Prensky. v. 15, n. 2, maio/ago. 2010.

SILVEIRA, Daniel Da Silva; NOVELLO, Tanise Paula; LAURINO, Debora Pereira. **Tecnologias digitais na Educação Superior: compreensões acerca da formação** Revista Thema, [S.l.], v. 15, n. 3, p. 1034-1044, ago. 2018.

SCHRAMM, Rodrigo. **Tecnologias aplicadas à Educação Musical.** RENOTE Revista Novas Tecnologias na Educação, Porto Alegre, v. 7, n. 2, outubro de 2009.

TAVARES, Monica. **Os processos criativos com meios eletrônicos.** Revista Brasileira de Ciências da Comunicação. Capa, v. 19, n. 2, 1996.

WUNDER, Alik. **Uma educação Visual por entre literatura fotografia e filosofia.** Políticas Educativas, Porto Alegre, v. 3, n.1, p.65- 78, 2009.

APÊNDICES**TERMO DE CONSENTIMENTO**

Declaro, por meio deste termo, que concordei em ser entrevistado(a) na pesquisa intitulada Mídias e tecnologias digitais no ensino da música: desafios para o uso na realidade escolar de Caxias do Sul, desenvolvida por Mateus da Costa Castilhos.

Minha colaboração se fará por meio de entrevista semi-estruturada a ser gravada a partir da assinatura desta autorização. O acesso e a análise dos dados coletados se farão apenas pelo pesquisador e seu orientador.

Atesto recebimento de uma cópia assinada deste Termo de Consentimento conforme recomendações da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP).

Caxias do Sul, 01 de Outubro de 2019

Assinatura do(a) participante: _____

Assinatura do pesquisador: _____

Handwritten signature of Mateus Castilhos in black ink, written over a horizontal line.

ANEXOS

TERMO DE CONSENTIMENTO

Declaro, por meio deste termo, que concordei em ser entrevistado(a) na pesquisa intitulada Mídias e tecnologias digitais no ensino da música: desafios para o uso na realidade escolar de Caxias do Sul, desenvolvida por Mateus da Costa Castilhos.

Minha colaboração se fará por meio de entrevista semi-estruturada a ser gravada a partir da assinatura desta autorização. O acesso e a análise dos dados coletados se farão apenas pelo pesquisador e seu orientador.

Atesto recebimento de uma cópia assinada deste Termo de Consentimento conforme recomendações da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP).

Caxias do Sul, 01 de Outubro de 2019

Assinatura do(a) participante: Augusto Passig

Assinatura do pesquisador: Mateus Castilhos

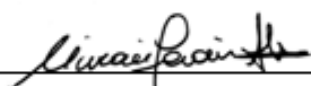
TERMO DE CONSENTIMENTO


Declaro, por meio deste termo, que concordei em ser entrevistado(a) na pesquisa intitulada Mídias e tecnologias digitais no ensino da música: desafios para o uso na realidade escolar de Caxias do Sul, desenvolvida por Mateus da Costa Castilhos.

Minha colaboração se fará por meio de entrevista ~~semi-estruturada~~ a ser gravada a partir da assinatura desta autorização. O acesso e a análise dos dados coletados se farão apenas pelo pesquisador e seu orientador.

Atesto recebimento de uma cópia assinada deste Termo de Consentimento conforme recomendações da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP).

Caxias do Sul, 01 de Outubro de 2019

Assinatura do(a) participante: 

Assinatura do pesquisador: 

TERMO DE CONSENTIMENTO

Declaro, por meio deste termo, que concordei em ser entrevistado(a) na pesquisa intitulada Mídias e tecnologias digitais no ensino da música: desafios para o uso na realidade escolar de Caxias do Sul, desenvolvida por Mateus da Costa Castilhos.

Minha colaboração se fará por meio de entrevista semi-estruturada a ser gravada a partir da assinatura desta autorização. O acesso e a análise dos dados coletados se farão apenas pelo pesquisador e seu orientador.

Atesto recebimento de uma cópia assinada deste Termo de Consentimento conforme recomendações da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP).

Caxias do Sul, 01 de Outubro de 2019

Assinatura do(a) participante: _____



Assinatura do pesquisador: _____

